

ESTETOSCÓPIO E PENA

Myrna Ely Atalla Senise da Silva*

"Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico, conheci o valor do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte." (Guimarães Rosa)

Médico. Rebelde. Soldado. Ah! Diplomata. Um ser humano comum e, por isso mesmo, estranho. Sofrimento. Consciência. Certeza da morte. Morte. Inimiga e comparsa. O mistério da vida. Um paradoxo coerente. Morrer. Nascer. Renascer.

"Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradiváriu. Há mãos e pernas de dançarinas arrastadas na explosão. Corpos irrecôncives identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o pára-quedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paraplético vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol!" (Jorge de Lima)

Como poeta míope, vislumbro o arrebol. Apesar de, ou por causa de todo o sangue, o céu se pinta de várias cores. Beleza trágica. Chora pelo homem. O poeta sabe. O poeta, médico do corpo e da alma, precisa analisar o drama, emaranhar-se nele para saná-lo. Escapar do horror do cotidiano, ou embaraçar-se nele, criando tramas, evitando o caos. Arte. Complexa, mas companheira. Estetoscópio e pena combinam. Interpenetram-se. Completam-se.

"O passado e o presente não são coisas estáveis tornadas interpenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na simultaneidade e na multiplicidade das visagens que se dispõem, se desarranjam, combinam-se umas

às outras e logo se repelem, construindo não um passado, mas vários passados." (Pedro Nava)

Passado, presente, futuro, tendências, aspirações fundem-se à literatura, de acordo com uma realidade, provavelmente fictícia. Verossimilhança. Ultrapassa o mundo físico. Subtrai da objetividade o inútil. Acrescenta-lhe o sonho. Ficção. Marcante. Dolorosa. Poética.

"Não gosto de falar em infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá excesso de adultos, todos eles, os mais queridos, ao modo de policiais do invasor, em terra ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas, tempo bom, de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão imaginar estórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas." (Guimarães Rosa)

Tempo bom. Deitar no chão, imaginar, criar. Personagens saídos da vida. **Personagens**. Histórias e estórias sem separações concretas. Real imaginário.

Na Literatura Brasileira, como em outras, observa-se o gosto do médico pela criação. Pesquisador constante, inova no campo científico e no artístico. Passa a ser um narrador objetivo, às vezes onisciente. Envolve-se com personagens, tramas. Consegue vislumbrar além da realidade. Surgem narrativas intensas, versos lindos. Renova escolas literárias. **Gonçalves de Magalhães** (1811-1822), iniciou o Romantismo brasileiro com **Suspiros poéticos e saudades** e a revista **Niterói, Revista Brasiliense**, publicada em 1836, na França, com outros colaboradores. Força Renovadora. Às vezes, escreve com simplicidade. **Quadras**, de **Laurindo Rabelo** (1826-1864), bem ao gosto do Brasil Império. O primeiro romance brasileiro, **A Moreninha**, de Joaquim Manuel de

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 3, n. 2, p. 42 - 46, 2001

* Membro da Academia Sorocabana de Letras.

Macedo (1821-1882), publicado em 1844, no mesmo ano em que elaborou a sua tese de doutorado em Medicina, *Considerações sobre a nostalgia*. Inovando, em pleno Romantismo, **Manuel Antônio de Almeida** escreveu *Memórias de um Sargento de Milícias*. Suas personagens, ou melhor, figurantes, são caricaturas de tipos populares. Aos vinte e um anos de idade criou um romance totalmente picaresco.

Alguns parnasianos iniciaram mas não terminaram o curso de Medicina. **Alberto de Oliveira** (1857 1937) fez até o terceiro ano. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, como **Olavo Bilac** (1865 1918). Bilac cursou cinco anos e abandonou o curso. Deve ter ficado *Nel mezzo del camin...*, ou se perdeu na *Via Láctea*, conversando com as estrelas.

*"Direis agora: "Tresloucado amigo,
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"*

*E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvidos
Capaz de ouvir e de entender estrelas."*

Na literatura, o passado não é um tempo acabado. Permanece indefinível. Às vezes, sombrio. Outros, interminável. Ação e tempo. Relativos. Proporcionais à dor ou à felicidade do primeiro amor. Inesquecível, apesar das brumas.

"...construímos não um passado, mas vários passados. Fatias da grossura do ponto geométrico incessantemente cortadas do presente por uma espécie de máquina automática de fazer presunto. Seus roletes não caem em ordem obrigatória sobre o papel impermeável do embrulho. Vão e vêm segundo as solicitações da realidade atual também fictícia porque sempre em desgaste e capaz de instituir contemporaneidade com o passado, igual à que pode estabelecer com o futuro tornando de vidro as barreiras do tempo." (Pedro Nava)

"Tornando de vidro as barreiras do tempo." Se as barreiras do espaço e do tempo são de vidro, olhemos através de sua limpidez. Encontraremos criador e criatura. Poder maior.

Final do Parnasianismo, Simbolismo. O Modernismo chegando. Momento de transição. **Martins Fontes**, médico, poeta e jornalista. Sobre ele, assim se expressou Menotti Del Picchia: "hodierno cavaleiro andante de Beleza e de Ideal!"

**"Amar! Pensar! Agir! Sonhar! Sonhemos
Essa epopéia, essa sublimidade,
Queria, em seus cânticos supremos,
A elevação do Homem à Humanidade!"**

No *Modernismo*, os nomes e as obras são marcantes. Revolução total nas letras. Obras sociais, regionalistas, neo-realistas, intimistas, de crítica e denúncia social, poemas piadas, poemas densos, memórias... Aprofundamento na língua. Neologismos. Construção do tempo, do espaço, ultrapassando os limites da ficção. O valor da palavra. A força da palavra.

Marques Rebelo fez prosa urbana moderna. Autor de *Uma estrela sobe*, de *Oscarina (livro de contos)*. Não concluiu o curso de Medicina. Procurou narrar com objetividade os fatos do povo sem ser populista ou piegas. Mostrou o homem das ruas do Rio sem grandes discursos. Prosa tensa e limpa. Simplicidade clássica e inovadora.

Jorge de Lima (1895-1953) escreveu, em 1907, o soneto *O acendedor de lampiões*. Catorze anos de idade! O gênio nasce feito? Não. Tema polêmico para alguns. O poeta desenvolveu o seu sentimento, a sua necessidade de assumir as dores dos oprimidos, de ampliar o conteúdo de suas obras. Aprofundou-se até estar completo para produzir sua epopéia *Invenção de Orfeu* - demonstrando maestria na linguagem e uma experiência complexa de estilo. Até esse estágio de perfeição lingüística e temática, o poeta passou por várias fases: parnasiana, da poesia negra, místico-católica e a épica.

*"Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!"*

Foi o poeta que se transformou em médico, ou o médico, já presente na alma e nos sonhos, que se tornou poeta? Difícil saber. Seguiu os dois caminhos com perfeição. Soube, também, prestigiar e estimular os jovens.

O alagoano, Jorge de Lima, usou a sua pena para denunciar o problema do negro, o poder e domínio estrangeiro, para criticar o homem público.

*"Os netos de teus mulatos e de teus cafusos
e aquarta equinta gerações de teus sangue sofredor
tentarão apagara tuacor!
E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execranda,
não apagarão de suas almas, atua alma, negro!
Pai-João, Mãe Fulô, Zumbi,
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde
negro cabinda, negro congo, negro ioruba,
negro que foste para o algodão de USA
para os canaviais do Brasil,
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga
de todos os senhores do mundo;
eu melhor compreendo agora os teus blues
nesta hora triste da raça branca, negro!"*

Olá, Negro! Olá, Negro!

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!"

De uma emotividade incomum, provavelmente por ser menino de engenho, o lirismo da dor humana está presente em cada verso. A causa humana é a sua. O folclore do seu povo incorpora-se em sua obra.

*"Ora se deu que chegou
(Isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô. (...)*

Essa negra Fulô!

*"Era um dia uma princesa
que vivianum castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos domar.
Entrou na pernada do pato
saiu na pernada do pinto
o Rei-Sinhô mandou
Que vos contasse mais cinco."*

As palavras têm força. Elas ressuscitarão, como sempre quis o poeta.

*"As palavras envelheceram dentro dos homens
separadas em ilhas,
as palavras se mumificaram na boca dos legisladores;
as palavras apodreceram nas promessas dos tiranos;
as palavras nada significam nos discursos dos homens
públicos.
E o verbo de Deus é uno mesmo com a profanação dos homens
de Bebel, mesmo com a profanação dos homens de hoje. (...)
E, por acaso, o poeta não foi designado para verificar a
palavra de novo?"*

E, por acaso, o poeta é Jorge de Lima. Abriu perspectivas para a evolução do poema, do romance, ensaios, história e biografia. Prosador de

grande mérito. Como poeta, um dos maiores da língua portuguesa. Médico/ escritor. Escritor/ médico. Ave, Jorge de Lima!

De encantamento em encantamento, chegam-nos as palavras do mineiro, Pedro Nava (1903 - 1984). Reumatologista. *"Quem olhar minha obra com atenção perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano."* As barreiras do tempo são de vidro e as da criação também. Vejamos através dele. *Bau de Ossos, Balão Cativo, Galo-das-Trevas...* Transformou a obra memorialista. Sem imaginação não há memória. A memória involuntária provavelmente seja a chave para sua obra. O seu estilo de alta qualidade transformou o modo, a intenção de narrar. Estranho. Lindo. Mágico. A própria vida se narrando. Desnudando-se.

"Com dez anos subi o nosso Caminho. Novo, mudado para Belo Horizonte. Já tinha provado tudo que nasce do contato com o semelhante. Amizade, carinho, ódio, rancor, ciúme, rudimentos de amor. Experimentara proteção, ajuda, perseguição, desamparo e a gelatina da indiferença. Fora preferido e escorraçado. Vedete e passado para trás. Sentira o arrocho dos círculos concêntricos do mundo e vira a morte se intrometendo. Aprendera a carne, começando pela pornografia. Sabia chorar e dissimular. Conhecia, pois, a vida em suas verdades essenciais e estava pronto para a transida solidão da poesia. Vai, Pedro! toma tua carga nas costas e segue."

Necessidade de contar os fatos com "objetividade intimista". Um lavar de alma. Entregar-se à palavra, sendo a própria palavra. Como? Não sei. Livros de memórias e poemas. "Em que Brahmas, em que brumas Pedro Nava se afogou?", lamentou Vinícius de Moraes, depois da morte do amigo. Tinha 80 anos. Nenhum direito de nos deixar. Abandonou-nos. Sua obra ficou.

*"Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces,
Os disfarces com que os vivos
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no morto
O grande castigo da Morte. (...)*

*Quero a morte com mau-gosto! (...)
E descubram bem minha cara:
Que avejam bem os meus amigos.
Que não esqueçamos amigos. (...)*

*Meus amigos, tenham pena,
Senão domorto, aomenos
Dos dois sapatos domorto!
Dos seus incriveis, patéticos
Sapatos pretos de verniz.
Olhem bem estes sapatos,
E olhaios vossostambém."*

Humor negro. Inteligente. Realista. Dramático. Imensamente triste. Meu Deus, crítico e visionário. Antecipou a própria morte. Pintou um quadro do próprio funeral. Macabro? Não. Angustiante. O médico, o escritor e a solidão.

"Quem escreve é para ser lido. Mas sejamos sinceros acrescentando que muito do que escrevemos é para ser lido por nós mesmos. Não há ninguém, por mais pintado que seja, que não goste de lamber a própria cria. Por isso, é que não me incomodo quando me acham chato nas genealogias e que provavelmente vão me pôr de prolixo quando cito inteiros os nomes palmariais que eu poderia reduzir a dois ou até a uma inicial, ponto e sobrenome. Desculpem! É que nessa hora estou escrevendo para mim..."

Direito do escritor. Como escreve determinadas partes para si, sentimo-nos quase cúmplices ao adentrarmos nos fatos. Invadimos a sua privacidade. E não pedimos desculpas. Dissecamos a sua alma. Obra e vida misturam-se em Pedro Nava. Como sair do papel e viver o cotidiano? Apertamos o gatilho. O som está parado no ar. O que fazemos? Continuamos a dissecar, maquiavelmente, as suas chagas. Não temos perdão.

Lair Ribeiro, Roberto Shiniashik inovaram no gênero auto-ajuda. Atingiram o interesse do leitor. Suas obras são muito procuradas.

Dráuzio Varela escreveu o infantil *Nas ruas do Brás* e o excelente *Estação Carandiru*, no qual narra, através de suas experiências como médico e como cidadão participante, os problemas cruciais e dramáticos dos presos e do sistema penitenciário paulista.

Autor de muitas obras, o médico especializado em saúde pública, **Moacyr Scliar**, é um bom contador de histórias. Escreve contos, novelas, romances: *Histórias de médico em formação*, *O exército de um homem só*, *O ciclo das águas*, *A majestade do Xingu ...* Jornalista preocupado com as causas sociais. Sabe trabalhar com a ironia e a crítica.

De Cordisburgo, Minas Gerais, para o mundo, e "*o sertão é o mundo*", um dos maiores escritores brasileiros: **Guimarães Rosa**.

"Já tenteou sofrido o ar que é saudade? Diz-se que tem saudade de idéia e saudade de coração."

E reafirma: "*Moço: toda saudade é uma espécie de velhice.*"

Rosa desromancizou o romance. Renovou a novela e o conto. Fez prosa-poema. Realidade e fantasia, arcaísmos, neologismos e regionalismo se misturam. Incorpora-os à linguagem. O envolvimento com a sua obra é intenso. Não há com parar de ler e pesquisar. Uma vez iniciada a leitura, a doença domina e é altamente contagiosa. Não há antídoto contra ela. O que se pode fazer como tratamento preventivo é acompanhar a criação, adentrar no sertão de Rosa, que é o próprio mundo, ficar na dúvida se o diabo existe ou não. Entrar pelas veredas. Aceitar. Não há cura.

"E é graças aos encontros inesperados dos velhos amigos que eu fico reconhecendo que o mundo é pequeno e, como sala-de-espera, ótimo, fácil de se aturar..."

As palavras de Rosa arrepiam, ao mesmo tempo que as estranhamos e amamos.

"O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou."

A vida lhe ensinou muitas coisas: "*Viver é muito perigoso*", principalmente para quem se aventura nesse mundão de Deus. "*O sertão é o mundo.*" E "*Estes gerais são formosos.*" Homens fortes. Não temem a luta, somente o diabo. A eterna dúvida. "*O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.*"

"Jagunço é isso. Jagunço não se encobreia com perda nem derrota quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final."

Suas personagens misturam-se com seres humanos. Não há como distingui-los ou separá-los. **Personagens**. Os loucos, os doidos... Os doidos? "*Ninguém é doido. Ou,*

então, todos.” Homens do sertão, mulheres, crianças. *Nhinhinha*, a menina de lá...

"Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus. O Pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descomposturas em alguém. E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes."

Quantas Nhinhinhas o médico/escritor encontrou em suas andanças! Quantas criaram um arco-íris em seus sonhos e por ele seguiam, não sendo do mundo de cá, mas do mundo de lá! *"Fino, estranho, inacabado é sempre o destino da gente."* Como o de *Soroco*, provavelmente cantando com a cidade toda a segui-lo, até *"aonde for aquela cantiga"*. Quem sabe chegando à terceira margem do rio, seguindo a canoa do Pai, *"rio abaixo, rio afora, rio a dentro - o rio"*.

O lirismo pungente de *Grande Sertão: Veredas*. Riobaldo, jagunço/poeta. Confundi-se com

Diadorim-homem. Maravilhou-se com Diadorim-mulher. A angústia da perda. As lágrimas do cabra macho. Por ser macho, capaz de chorar e de sofrer. Criações perfeitas. Ave, João, médico, diplomata, escritor maior.

"Às vezes, quase acredito que eu mesmo, João, seja um conto contado por mim." E que conto!

"Mire e veja" o poder da palavra. Traduz pensamentos. Escancara o sentir. Inunda almas. Que estranha união ela constrói! Simbiose de sensações. Trabalhar com o ser humano. Resolver problemas do corpo, da mente. *"...entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia"*. Questionar o destino. Enfrentá-lo. O mistério a persistir e a ampliar... A obsessão de vencer a morte. De vencer a escrita. Signos estranhos que se misturam. Arte avassaladora. Através dos sinais, a comunicação. A vida. *"O mundo é mágico. As pessoas não morrem. Ficam encantadas."*(G. Rosa)

As opiniões expressas nesta sessão representam o ponto de vista de seus Autores e não, necessariamente, da Revista.

ORAÇÃO DE UM HOMEM VELHO

Bob Richards

"- Com licença, doutor, posso morrer?"
Sei que seu juramento o obriga a lutar
enquanto um pouco de vida
em mim perdurar.
Sei
que você deve usar tudo que sabe
e a ciência lhe deu:
você tem marca-passos, respirador,
drogas, sondas, desfibrilador,
mil coisas
que não deixam meu coração parar
e nem que me falte o ar.
Mas, doutor,
já passei dos oitenta....
Meus filhos cresceram,
amigos morreram,
minha mulher, enterrei.

Trabalhei, amei, sofri.
Vivi muito, vivi....
Quero agora dormir.
Que mais posso querer
na minha idade,
senão o conforto
de morrer com dignidade?

Seus motivos são nobres,
eu sei.
Você cumpre um dever.
Mas,
leia em meus olhos
e escute em meu coração
o que meus lábios já não podem dizer;
"- Com licença, doutor, posso morrer?"

*Tradução - Hudson Hübner França**